

190				
			10	

Tribo xetá agoniza à espera de reserva

Os únicos oito remanescentes dos índios que habitavam o Noroeste podem desaparecer até que a proposta saia do papel

UMUARAMA

Última tribo indígena contada pelo homem branco no Paraná, os xetás estão praticamente extintos. Dizimados por doenças e relegados ao abandono, os poucos remanescentes da tribo aguardam hoje o processo de formação de uma reserva. A proposta vem sendo avaliada por uma comissão formada pela Funai, Assessoria de Assuntos Indígenas do Governo do Paraná, Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Coordenadoria do Patrimônio Histórico do Paraná.

A contar pelos trâmites burocráticos que envolvem a formação da reserva, é possível que não existam mais indígenas legítimos para formar a povoação quando ela sair do papel. Isso porque, de um total de quase 500 indivíduos, encontrados por expedições realizadas na década de 50, no Noroeste do estado, hoje só restam oito, cinco homens e três mulheres.

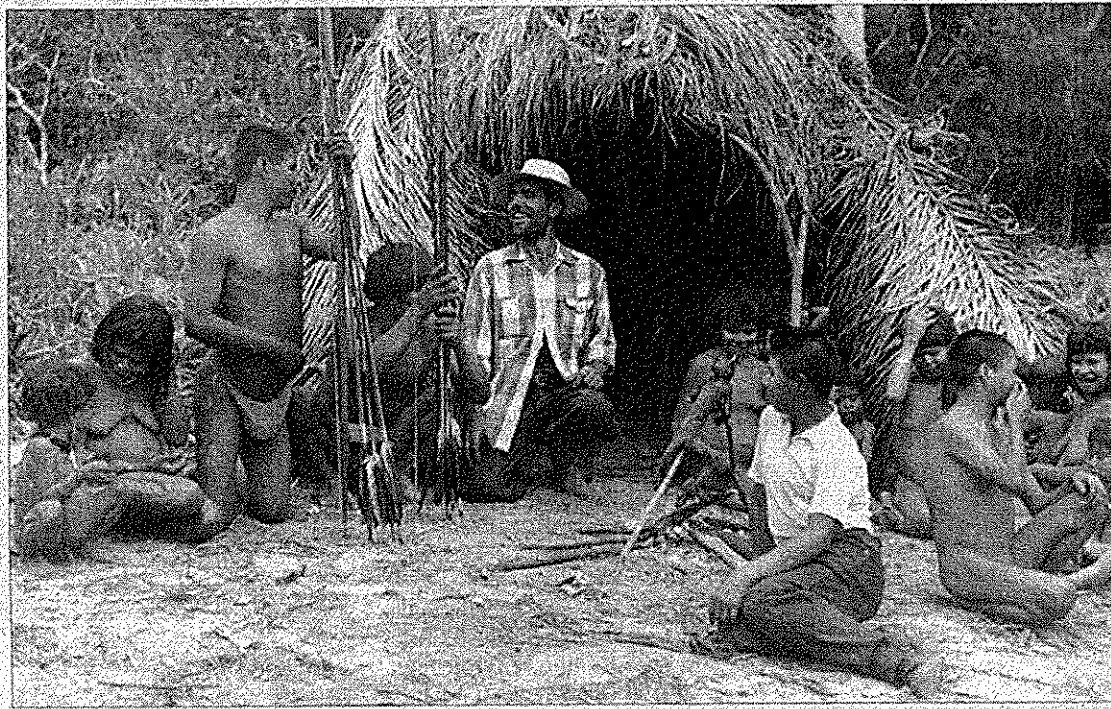
Doenças

Relegados ao abandono, os poucos remanescentes da tribo foram se aculturando. A maioria morreu, vítima de doenças do homem branco, como gripe, pneumonia e tuberculose. "Eles não tinham doença nenhuma mas, depois dos contatos, começaram a adoecer e morrer", conta a agricultora Carolina Alves de Freitas, uma das primeiras pessoas civilizadas a entrar em contato com a tribo, em 1953, numa área que hoje pertence ao município de Douradina.

Os remanescentes da tribo se abrigam hoje em reservas das antigas tribos Kaingangue e Guarani em Pitanga, Guarapuava, São Jerônimo da Serra e Nova Laranjeiras. Outros, como a única remanescente da tribo que vive em Umuarama, Maria Rosa Brasil Tiguá, 50 anos, adotaram o modo de vida "civilizado" e tiveram filhos com brancos.

Todos os sobreviventes da tribo têm entre 40 e 50 anos de idade, e nenhum teve descendentes xetás. Só três falam a língua nativa.

Alexandre Homer



Arquivo Biblioteca de Umuarama

Índios xetás na década de 50: doenças do branco dizimaram a tribo que habitava o Noroeste.

ÁREA ORIGINAL

Até a década de 50, o território dos xetás, no Noroeste do estado, ia de Campo Mourão à divisa com o Mato Grosso do Sul. Hoje, os remanescentes vivem nas cidades ou em áreas de outros índios.



GP/Jan

CRUZAMENTOS

Importância antropológica

Para os indigenistas, os xetás tem uma importância antropológica e humana especial, pois, quando foram contatados, ainda viviam na idade da Pedra Lascada. "Em todo o mundo, só aqui se encontrava uma tribo assim, daí sua grande importância", diz o indigenista e assessor para assuntos indígenas do governo do Paraná, Edívio Battistelli. "Temos esperança de salvar esta tribo, pois, além dos oito índios puros, ainda restam 47 filhos de cruzamentos de xetás com caingangues e guaranis", diz Battistelli. O indigenista afirma que o estudo de reagrupamento da tribo é viável. (AH)

Mulher tem descendência miscigenada

A índia Maria Rosa Brasil Tiguá sobrevive com o dinheiro que ganha trabalhando como empregada doméstica. Mora numa casa de alvenaria, nos fundos de um terreno, perto do centro de Umuarama. Aos seis anos de idade, a índia foi adotada pela família do agricultor Antônio Lustosa de Freitas. Sua convivência com os brancos não parou por aí. Maria Rosa teve uma filha de um relacionamento com um rapaz branco. A filha, por sua vez, também teve um bebê que é fruto de um relacionamento com um homem branco. Enquanto ajuda a cuidar do neto — que está com cinco meses e se chama William Weitzmann — ela se preocupa com o destino dos xetás. "Morrendo mais uns poucos índios não vai sobrar ninguém para representar o povo", prevê ela. "A Funai nunca se importou com a gente", completa. (AH)



Alexandre Homer

Maria Rosa e o neto: preocupação com a extinção dos xetás.

Nomadismo

Os xetás são um grupo étnico da família tupi-guarani que se comunicava por meio da língua xetá, hoje falada fluentemente por apenas três remanescentes deste povo. O grupo é natural da Região Noroeste do Paraná, mais precisamente da margem esquerda do Rio Ivaí, da cidade de Campo Mourão até o Rio Paraná na divisa com Mato Grosso do Sul.

Esses índios eram nômades dentro da área em que habitavam e sobreviviam da caça e da coleta de frutos. Com a dizimação quase total, os sete xetás "puros" que estão no Paraná vivem em áreas destinadas aos caingangues e aos guaranis, na Região Noroeste. O outro xetá sobrevivente, do grupo de oito, mora no estado de São Paulo. Pesquisas arqueológicas realizadas pela Universidade Estadual de Maringá revelaram que os xetás habitavam a região há oito mil anos. (DSB)

Estudo retrata a tragédia

Extermínio foi resultado do descaso e de ações desumanas

CURIMBA

A história do povo xetá ao longo deste século é marcada por ações desumanas, descaso por parte do estado e má interpretação da questão indígena. A constatação fica evidente nos relatos da antropóloga Carmen da Silva, autora da tese de mestrado "Sobreviventes do Extermínio: uma Etnografia das Narrativas e Lembranças da Sociedade Xetá", defendida em 1998 pela Universidade Federal de Santa Catarina.

A pesquisadora mapeou a trajetória dos xetás desde as primeiras notícias que se tem dessa sociedade, na segunda metade da década de 40, quando dados oficiais apontavam para 250 índios do grupo xetá. "Eles dizem que eram pelo menos 450", diz a antropóloga que elaborou a pesquisa por meio de depoimentos dos sobreviventes. Hoje, são apenas oito xetás "puros" e 54 descendentes, filhos e netos de casamentos interétnicos.

Primeiros contatos

O contato entre xetás e o homem branco foi simultâneo ao processo de colonização do Noroeste em função do cultivo do café e da criação de gado. Até os anos 40, haviam apenas vestígios desse povo na região. Em 1952, uma expedição do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) — precursor da Fundação Nacional do Índio, criada em 1967 — capturou um pequeno xetá que foi trazido para Curitiba e criado por um inspetor do SPI. No mesmo ano, outro indiozinho foi tirado do grupo.

Tucanamba (Anambu-Guaka, na língua xetá), que vive ainda hoje, foi o agente dos contatos entre brancos e índios nos anos seguintes. "O



Arquivo Biblioteca de Umuarama

Mulher e criança xetás na década de 50: fim melancólico.

contato dos xetás com os brancos deu-se de forma intensa, sem a proteção do estado, que não implementou qualquer ação que visasse a defesa dos direitos territoriais do grupo".

Os próprios xetás cometeriam um erro preponderante para a eliminação de seu povo. Em 1954, um núcleo familiar — cerca de 20 pessoas entre adultos, crianças e idosos — buscou a aproximação com os moradores da fazenda Santa Rosa, em Douradina. "Em 64, nenhum membro desse grupo existia mais", conta Carmem.

Extermínio

Para a pesquisadora, são vários os fatores que contribuíram para a

quase dizimação dos xetás: a perda do território, a chegada de doenças para as quais os índios não tinham imunidade, roubos de crianças, estupros e até matanças indiscriminadas. Há suspeitas de que as companhias colonizadoras chegaram ao ponto de despejar índios em regiões desconhecidas.

Apesar dos sobreviventes estarem totalmente enquadrados na sociedade urbana — eles sobrevivem como funcionários públicos, empregadas domésticas e até trabalhadores volantes —, de acordo com Carmem, os xetás ainda detêm a memória do passado. "Eles mantêm a noção de pertencer ao grupo".

Danielle Soares Brito

Funai estuda reagrupamento da comunidade

O administrador-executivo regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Gilberto Nogueira, admite o descaso ao longo dos anos em relação ao povo xetá. Segundo ele, atualmente estão em curso os estudos sobre o reagrupamento dessa comunidade indígena. "Há um interesse em se conseguir um pedaço de terra para esse povo". Um relatório dando conta das

necessidades e da viabilidade do processo deve ser entregue ainda este ano para a diretoria da Funai, em Brasília. Conforme Nogueira, os próprios índios indicariam o local para se estabelecer.

A antropóloga Carmen da Silva, que defendeu uma tese de mestrado sobre a quase dizimação dos xetás, afirma que os índios tem pleno conhecimento de como deve ser o seu

destino. "É possível retomar a vida em sociedade mas a partir de parâmetros que eles mesmos vão definir", avalia.

Por conta de sua pesquisa, Carmem foi a agente de um encontro entre os últimos xetás, em 1997. Para ela, apesar de tantos anos de afastamento, nada impede que eles voltem a transmitir os conhecimentos de seu povo aos seus descendentes. (DSB)